



Chamados ao entretenimento: A estratégia do evangelicalismo pentecostal na busca por espaço no e por mercado religioso brasileiro.

**Called to entertainment: The pentecostal
evangelicalismo strategy in the search for space in
the and for brazilian religious market.**

Douglas Alessandro Souza Santos¹

José Lucas da Silva²

Pedro Augusto Ceregatti Moreno³

Resumo

A graduação Sabe-se, de acordo com os dados dos últimos censos demográficos brasileiros (sobretudo de 1980 a 2010), que as vertentes evangélicas pentecostais estão entre as experiências religiosas que mais crescem no campo religioso do país. Caracterizadas pelo forte apelo ao emocionalismo, as igrejas pentecostais se inscrevem numa gama de religiões conversionistas que têm usado o entretenimento como uma de suas principais ferramentas proselitistas. Olhando para casos específicos de denominações pentecostais, especialmente para a que está em processo de implementação no Brasil, a transnacional *Igreja Hillsong*, o presente trabalho busca relacionar tal estratégia à busca de espaço no e por mercado religioso.

Palavras-chave: religião e entretenimento; pentecostalismo; mercado religioso; Hillsong;

Abstract

It is known, according to the data of the last brazilian demographic censuses (especially from 1980 to 2010), that the pentecostals evangelical sheds are among the religious experiences the fastest growing in the religious field of the country. Characterized by a strong appeal to emotionalism, the pentecostal churches are part of a range of religions conversionistas who has used the entertainment as one of its main tools proselitists. Looking for specific cases of pentecostal denominations, especially for the in process of implementation in Brazil, the transnational Hillsong Church, the present paper seeks to relate this strategy to the serach for space in the and for religious market.

Keywords: religion and entertainment; Pentecostalism, religious market; Hillsong;

¹ Mestrando em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Araraquara - douglas_b7v@hotmail.com

² Mestrando em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Araraquara - joselucasdasilva89@gmail.com

³ Mestre em Sociologia pelo Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCar/São Carlos - pedroacmoreno@gmail.com



1. Introdução

Quando os primeiros dados do censo demográfico de 2010 acerca da religiosidade brasileira começaram a ser divulgados em 2012 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), muitos pesquisadores da área confirmavam uma estimativa precedente: a de que, mais uma vez, a porcentagem daqueles que se declarariam vinculados ao evangelicalismo pentecostal nas suas mais variadas expressões, seguindo uma tendência que vinha principalmente desde os anos de 1980, haveria de crescer. O crescimento não era tão vertiginoso como o observado no intervalo de tempo entre os censos dos decênios anteriores – aumento de 111,7% de 1991 a 2000 (MARIANO, 2013, p. 124) – mas ainda assim a expansão de 44% constatada em 2010 em relação aos números do ano 2000 chamava a atenção junto à diminuição do número de católicos e o aumento do grupo dos *sem religião*. Abrangendo um conjunto de igrejas bem diversificado, o grupo formado pelos pentecostais reafirmavam sua posição de predominância entre as religiosidades evangélicas brasileiras, mantendo-se como o segundo maior grupo religioso de todo país.

Muitas seriam as razões de explicação sociológica ao crescimento dos pentecostais no Brasil e, desde então, vários são os autores que têm dado enfoque científico sobre o fenômeno em suas pesquisas, especialmente os que versam sobre uma de suas ondas mais estudadas, o neopentecostalismo (FREESTON, 1995; ORO, 1996; MENDONÇA, 1990, 1997; MARIANO, 2004, 2005; CAMPOS, 2005). Entretanto, parece perpassar pela maioria das análises a observação de que tal crescimento esteja assentado, entre outros, sobre o pilar do forte apelo à necessidade de conversão individual que marca as religiões chamadas de *universais* (DE CAMARGO, 1973, p. 23), caso das pentecostais de matriz protestante.

A esta altura, no rol de mecanismos proselitistas utilizados por tais comunidades, o entretenimento e a mídia surgem como ferramentas estratégicas adotadas em meio a um concorrido mercado religioso (BERGER, 1985) na busca por atendimento as demandas das consciências individuais de uma parcela cada vez maior de religiosos.

Na proposta de um olhar científico específico sobre tal aspecto, o presente texto disporá de três seções: a primeira a respeito do pentecostalismo enquanto manifestação religiosa e a sua presença no Brasil; a segunda sobre a questão do entretenimento *gospel* como atraente produto oferecido no mercado religioso brasileiro pelo pentecostalismo e seu caráter emocional, e por fim, um olhar sobre o processo de implementação de uma filial da igreja transnacional pentecostal australiana, a *Hillsong Church*, em São Paulo-SP como caso de tentativa de inserção neste mercado usando do entretenimento como principal mecanismo de atração.

2. O pentecostalismo

Há quem considere o movimento pentecostal de matriz protestante como um dos fenômenos mais significativos da história moderna do cristianismo e muitas são as tentativas de localizá-lo historicamente enquanto movimento religioso específico. A maioria dos estudos sobre o tema, entretanto, parece concordar que seu surgimento data do final do século XIX e início do XX, nos Estados Unidos, marcado por uma série de “despertamentos espirituais” entre fiéis do protestantismo histórico. Como escrevem Bobineau e Tank-Storper



De origem protestante e calvinista, o pentecostalismo nasceu nos Estados Unidos no começo do século XX depois de dois “despertares” que se colocaram em ruptura com os hábitos de diversas igrejas tradicionais (metodistas, presbiteriana e batista...) (BOBINEAU & TANK-STORPER, 2011, pg. 107).

Todavia, o que propomos para o presente texto é que, perpassando a datação adotada em consenso pelos estudiosos do tema, olhemos para as características distintivas do fenômeno moderno, tal como conhecemos hoje, de uma forma um pouco mais ampla, que remonta suas origens mais remotas, séculos antes dos “despertamentos”⁴ do século XX, ainda que tal aspecto, em seu contexto, não tenha sido responsável por rupturas drásticas com as comunidades tradicionais. Tal exercício nos ajudará a entender o forte apelo do pentecostalismo moderno ao emocionalismo, externalizado entre outras coisas, no uso do entretenimento nas igrejas pentecostais hodiernas.

Fazendo uso, então, de uma distinção entre o que aqui temos chamado “pentecostalismo moderno”, ligado a matriz protestante, do século XX, e os “antecedentes pentecostais”, presentes há muito mais tempo na história da fé cristã, como em outras religiões, e marcados por uma série de manifestações de êxtase, entusiasmo, experiências individuais, revelações diretas etc. que fundamentaram o surgimento do movimento tal como conhecemos hoje, pretendemos mostrar num primeiro momento que o fenômeno por si só carrega um sentido muito anterior ao movimento religioso moderno datado do XX.

2.1. Antecedentes Pentecostais

Numa análise simplista, poderíamos aqui resgatar, como referenciam os estudiosos, que o nome está ligado ao evento registrado no livro de *Atos dos Apóstolos* do texto norteador da fé cristã, a Bíblia, marcado pelo derramar do Espírito Santo⁵ na igreja primitiva através de seus mais variados dons (χαρίσματα – *charismata*, de onde derivam os termos “carismas” e “carismático”). Segundo relato, tal fato teria se dado num contexto específico de comemoração de uma das festas mais tradicionais da religião judaica, celebrada cinquenta dias após a Páscoa, a festa de Pentecostes (daí a origem da nomenclatura “pentecostes”, de *pentekostos*, “cinquenta”).

Bastaria uma simples análise nos textos neotestamentários cristãos, como nas cartas de Paulo de Tarso às mais variadas comunidades cristãs de sua época, para encontrarmos uma série de narrativas acerca das características que hoje marcam o movimento pentecostal moderno: profecias, línguas estranhas (γλωσσολαλία – *glossolalia*), milagres etc. A partir de então várias seriam as ocorrências ao longo da história da igreja cristã de movimentos marcados, se não por uma, por várias destas características no desenvolvimento de suas manifestações religiosas. O montanismo no segundo século, os cátaros e beguinas da baixa idade média, os Schwärmer - fortemente combatidos por Lutero no século XVI -, os quakers do século XVII, o movimento restauracionista de Edward Irving do século XIX, são alguns exemplos⁶. Como escreve DE MATOS

⁴ Autores como WALLIS (2008), TRACY (1845), McLOUGHLIN (2013) apontam para a ocorrência de quatro grandes “avivamentos religiosos” na história religiosa do protestantismo anglo-americano, que vão do séc. XVIII ao séc. XX.

⁵ De acordo com a confissão e tradição cristã, o “Espírito Santo” é uma das pessoas que formam a Trindade divina, juntamente com Deus Pai e Filho.

⁶ Muitos pesquisadores ainda apontaram para relação conexa entre pentecostalismo e o wesleyanismo do século XVIII (Martin, 1993; Hollenweger, 1997).



Assim como ocorre em outras religiões, o cristianismo tem, ao longo da sua história, testemunhado muitas vezes em suas fileiras a ocorrência de manifestações de entusiasmo religioso, em especial os movimentos chamados carismáticos. O termo “entusiasmo” (do grego *en* = “em” e *theós* = “Deus”) aponta para situações em que as pessoas afirmam receber revelações diretas de Deus, muitas vezes acompanhadas de êxtases místicos, visões e outros fenômenos associados a uma experiência religiosa de grande fervor e intensidade. Por sua vez, a palavra “carismático” lembra os carismas ou dons espirituais mencionados no Novo Testamento, particularmente aqueles extraordinários ou espetaculares, tais como profecias, línguas estranhas, curas e milagres diversos (DE MATOS, 2011, p. 25).

A partir de então, numa espécie de episódio radicalizado, temos o aflorar do que aqui temos chamado de pentecostalismo moderno, norte-americano.

2.2. O pentecostalismo moderno

Quando falamos em pentecostalismo logo nos vem à mente os Estados Unidos da América. Berço do movimento aqui chamado de “pentecostalismo moderno”, é nos EUA que, tradicionalmente, observar-se-á um dos principais marcos históricos do movimento: o avivamento da rua Azusa de 1906, liderado por William Joseph Seymour (1870-1922), estudante atraído pelas instruções de Charles Fox Parham (1873-1929) que desde o final do século XIX ensinava o falar em línguas estranhas. Muito embora a literatura específica sobre o tema aponte para diversas manifestações em espaços e tempos diferentes entre o final do século XIX e início do século XX, numa espécie de movimento plurifacetado (Hollenweger, 1976), o que nos interessa por ora são as características que definiram o grupo e o levaram às rupturas com as igrejas do protestantismo tradicional.

Formado, em princípio, majoritariamente por negros das classes urbanas mais baixas, o pentecostalismo norte-americano reivindicava para um si um *re-avivamento* que, em pouco tempo, atraiu centenas de pessoas e espalhou-se por todo mundo. *Re-avivamento* justamente por ter como principais fundamentos os aspectos descritos anteriormente como antecedentes pentecostais em momentos de *avivamento*. Discorre Matos

Uma das idéias centrais era o que se denomina “repristinção” ou restauracionismo, isto é, o desejo de voltar aos dias iniciais do cristianismo, aos primeiros tempos da igreja primitiva, idealizados como uma época de maior fervor e plenitude cristã (Ibid. p. 30).

Os “novos” pentecostais lutariam, a partir de então, para retomar os *carismas* que em determinado momento se perderam na história da igreja cristã, desligando-se das igrejas tradicionais, crescendo e fragmentando-se.

Há de se pontuar que, de fato, fragmentação pode ser considerada uma característica que marca o protestantismo e suas ramificações. Baseados na crença do sacerdócio universal dos crentes e na sua relação direta com o divino sem a necessidade de mediação sacramental por parte da igreja, diferentemente da visão eclesiológica observada na Igreja Católica Romana, por exemplo, a Reforma Protestante “promoveu uma radical dessacralização da hierarquia eclesiástica” (FERNANDES, 1998, p.41), que por sua vez, evidenciou um traço marcante da modernidade: uma sociabilidade individualista. Esse traço é fundamental para o problema colocado neste texto, pois a individualização caminhará de mãos dadas com a emocionalização do religioso, que por sua vez também



está relacionada ao uso do entretenimento como ferramenta proselitista, de apelo ao emocional. Como escrevem Bobineau e Tank-Storper

Os conteúdos de fé outrora objetivados, dados como revelados e transmitidos pela tradição, são atualmente triados, selecionados, avaliados e depois transformados pelas consciências individuais segundo sua autenticidade percebida e experimentada. A religião não se apresenta mais como um quadro geral da autoridade, regulado por um aparelho que distribui o verdadeiro, o justo e o proibido; ela é principalmente e sobretudo um dispositivo de crenças e de práticas que as pessoas devem “sentir” em suas próprias vidas. É partir da emoção na crença contemporânea, ou, como diria Weber, o carisma. (Ibid., p. 104).

2.3. O pentecostalismo no Brasil

Como já pontuado anteriormente, o crescimento do grupo formado pelos pentecostais no Brasil talvez seja um dos objetos mais estudados pelos teóricos da religião do país nos últimos trinta anos. Também pudera, nenhuma outra experiência religiosa tem chamado tanto à atenção pelo seu crescimento a ponto de ameaçar a hegemonia católica romana até pouco tempo avassaladora. Essa tendência, para além das fronteiras verde-amarelas, solidificou-se em toda América Latina (BASTIAN, 1986). Ainda que experimentado em terras norte-americanas, o marco histórico de chegada do movimento pentecostal ao Brasil data do início do século XX, através da ação missionária do italiano Louis Francescon, fundador da Congregação Cristã no sudeste do país, em 1910, e dos suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, fundadores da Assembleia de Deus em Belém do Pará, em 1911; muito embora, como aponta Alencar (2013, p. 169) “[...] ainda no século XIX, no meio protestante já temos alguns indícios pentecostais [...]”, citando exemplos de grupos *holiness*, os batistas letos e metodistas livres.

A partir de então, marcado por uma série de movimentos em mudança constante, o pentecostalismo ramifica-se pelo país, e à medida que avança a história novas configurações em sua estrutura religiosa vão montando o panorama de sua presença no Brasil. Freston, por exemplo, apontará para o que chamou de “três ondas” pentecostais (FRESTON, 1993):

O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de *três ondas* de implantação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911) [...] A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início dos 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil Para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é **Paulista**. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) [...] O contexto é fundamentalmente **Carioca** (Ibid. p. 66).

Obviamente, por nunca ter sido homogêneo, novas denominações vão surgindo ao ponto de ser difícil, como escrevem Bobineau e Tank-Storper, “[...] atribuir traços distintivos a esse movimento particularmente diversiforme do qual igrejas e denominações muito variadas se reclamam um pouco por todo mundo [...] formando uma “nebulosa” as vezes



difícil de apreender”. (Ibid., p.107). Como apontara Pierucci, tal aspecto estaria ligado ao caráter individualista herdado do protestantismo

Também no Brasil fica evidente que dentre as religiões de visada e missão universal, cujo número e variedade não param de aumentar, saem-se melhor aquelas de cunho consequentemente individualista e militantemente missionário. Ou seja, as congregações protestantes levam vantagem numa estrutura de campos culturais que é cada vez mais concorrencial, assim como se torna concorrencial a estrutura interna de cada campo, tal como hoje ocorre com o campo religioso. Toda a teoria sociológica, da mais clássica à mais contemporânea, está aí para nos entregar a chave da explicação dessa notória vantagem comparativa de que goza o protestantismo de modo especialíssimo: o protestantismo é por excelência, e radicalmente, uma religião de conversão individual (PIERUCCI, 2006, p. 120).

Contudo, chamamos atenção para um fato interessante: de sua origem moderna⁷ até às ramificações contemporâneas mais “autônomas”, o uso do emocionalismo parece perpassar pela organização de todo *modus operandi* religioso pentecostal, característica que prepara o terreno para o uso do entretenimento como engodo na busca por e no mercado religioso.

3. Pluralidades e “formas de ser” cristãs: o pentecostalismo e a questão do entretenimento

Quem busca a religião, em sua forma cristã pentecostal, tem de se avir com uma plêiade de possibilidades e disputas tanto no terreno simbólico quanto em negociações com o mundo extra religioso. Nesse sentido, fazer um movimento de aproximar cosmogonias. A interpenetração de campos e signos gera, para um observador externo, algum constrangimento ao ver relacionados esferas, em tese, separadas e até mesmo antagônicas. A busca pelo entretenimento, mas interpenetrado, informado por uma moral e performance sagrada emocional, não é estranha à realidade brasileira como estratégia no e por mercado religioso. Renovação Carismática Católica, Bola de Neve Church, Igreja Universal do Reino de Deus e tantos outros grupos que têm no espetáculo um momento importante de seu culto – todos marcados pelas características pentecostais descritas na primeira seção deste texto – já são conhecidos tanto por pesquisadores quanto pelo público geral.

Optaremos nesta seção por analisar o fenômeno da busca por entretenimento religioso de duas perspectivas: uma macro, respondendo a dinâmicas inter-religiosas, e outra micro, de dinâmicas intra-religiosas. Não pretendemos esgotar o assunto até pela sua novidade na literatura no que concerne ao nosso objeto de análise, a chegada da Hillsong no Brasil. Nosso intuito é refletir de forma imanente a religião nesta etapa. Para tanto, a interlocução com denominações que parecem estruturar-se de forma semelhante faz-se primordial. A Bola de Neve Church, pela sua proximidade com nosso objeto, apostando na imagem do praticante de esportes radicais ao passo que a Hillsong aposta na do consumidor de bens musicais, nos servirá como pilar de uma breve análise comparativa, pequeno exercício que poderá servir para futuras pesquisas.

⁷ Citando Hollenweger (1976, 1999), Campos (2013) discorre sobre a inserção de danças, participações musico-corporais e celebrações marcadas por transe e êxtases desde a raiz do movimento, com William J. Seymour.



3.1. De frente para quais altares? Fluxos e sentidos da migração religiosa no mercado religioso

André Ricardo de Souza (2012), assim como Paulo Gracino Júnior (2016), alertam para uma questão importante nos debates que se têm travado acerca da mobilidade e pluralidade religiosa: o Brasil teria, antes, um pluralismo cristão que um pluralismo religioso propriamente dito. A propalada diversidade religiosa avançaria internamente aos grupos do que externamente. A concorrência é muito maior entre os grupos cristãos do que entre as denominações budistas, por exemplo. Dentro do maior grupo é até esperado que estejam as maiores variedades e disputas.

O que parece fato inquestionável é que as religiões mudaram, e com isso perderam, como entidades individuais, a hegemonia que gozaram em outras épocas. Quanto mais plural o ambiente religioso, mais se multiplicam a estruturas de plausibilidade, mais porosas são as fronteiras entre as agências religiosas, o que intensifica o trânsito religioso. Basta olharmos o que nos mostram tantos estudos qualitativos, como os de Steil (2004) ou de Machado e Mariz (1997) - este último enfatizando o trânsito religioso de fiéis entre a renovação carismática católica e os grupos pentecostais -, quanto dados censitários do IBGE, que parecem apontar uma inapelável afinidade entre diversidade religiosa e ausência de pertença religiosa. No mesmo sentido, não assistimos a uma diferenciação nas agências religiosas, mas o contrário. Ou não estaria o cenário religioso brasileiro sendo pautado nos últimos trinta anos por uma “neopentecostalização”, que avança inclusive sobre o protestantismo dito tradicional? (GRACINO JR, 2016, p. 83).

Ricardo Mariano, seguindo a linha de leitura de Flávio Pierucci (2004), indica a mesma realidade ao notar que o espaço de manifestação das demais religiosidades que não sejam cristãs é constrangedoramente pequeno para a tão propagada dinâmica religiosa plural do Brasil contemporâneo.

A soma de católicos e evangélicos caiu de 89,5% para 86,8% entre 2000 e 2010, gerando uma queda de apenas 2,7 pontos percentuais. Quase nove em cada dez brasileiros se definem como cristãos. Dado revelador das barreiras e dificuldades que as religiões não cristãs enfrentam para crescer e, em termos estritamente demográficos, da relativa pouca diversidade religiosa existente no Brasil fora do escopo cristão, para a qual já nos alertara Flávio Pierucci (2004). Excetuando católicos, evangélicos e sem religião, todas as outras religiões constituem apenas 5% dos brasileiros. Elas cresceram 1,8 ponto percentual entre 2000 e 2010, expansão bem superior às obtidas nos dois decênios anteriores, de 0,4 e 0,3, respectivamente. Os espíritas compõem nada menos que 40% dos membros de todas as outras religiões. Eles passaram de 1,3% (2,3 milhões) para 2% (3,8 milhões), crescimento de 70% contra 12% da expansão da população brasileira. Nos últimos anos, o espiritismo teve sua popularidade comprovada e ampliada pelas elevadas plateias e bilheterias dos filmes com temáticas espíritas exibidos num sem-número de salas de cinema pelo país. (MARIANO, 2010, p. 121)

Já apontamos a necessidade de considerar a pluralidade religiosa não somente no que indicam a pertença, efetiva e nominal, a um credo, mas também na disponibilização e requerimentos de elementos tomados destas religiões minoritárias para compor outras totalidades religiosas em específico quanto à categoria complexa dos “sem religião” a fim



de debater sobre a pluralidade religiosa (SANTOS; SILVA, 2016, p. 11). Indicar o uso do elemento não é o mesmo que indicar toda uma subjetividade que se volta a um sistema de representação, no entanto é bom matizar este debate sobre qual tipo de pluralismo temos em nossa sociedade.

Nesta concorrência interna dentro do discurso e das fronteiras culturais do cristianismo, a coisa se acirra dentro das denominações pentecostais que, ao disputarem o espaço entre a juventude, tecem estratégias cada vez mais próximas do mercado de entretenimento. A recusa do ascetismo intramundano, tal como ensinado por Max Weber, é um dos sinais diacríticos com os quais mais se joga. A Hillsong faz suas apostas nas comoções sensórias via megashows e uso de casas de espetáculo como veículo de proselitismo. Numa outra chave de apostas, temos a Bola de Neve Church, que trabalhando na mesma lógica, concentra-se na temática do esporte. Caracterizada como igreja “jovem” e “descolada” seria adequada para aqueles cristãos que não querem se ver apartados de determinadas sociabilidades, sem, contudo, abrir mão dos preceitos e dogmas cristãos. A recusa aqui não é das severidades indicadas para uma prática no mundo, mas sim de algo que fechasse portas a um mundo em transformações. Manuela Lowenthal Ferreira, em trabalho recente, aponta a aposta no esporte, mas que também se aplica a pentecostal Hillsong, como discurso

A igreja mobiliza ideologias próprias da sociedade de consumo, contribuindo para a adequação, permanência e sobrevivência dos seus fiéis no mundo moderno. Para se ajustar às transformações - algo típico de igrejas neopentecostais - são utilizados mecanismos virtuais para transmitir mensagens tradicionais. Em uma sociedade caracterizada pela contemplação da imagem e pela dominação dos meios de comunicação em massa, é imprescindível que as organizações religiosas adotem instrumentos mercadológicos e táticas publicitárias para conquistar novos mercados e atrair consumidores. Todos estes elementos constituem o sistema simbólico dos novos “empreendimentos” religiosos (FERREIRA, 2016, p. 62).

A disputa pelo “mercado interno” cristão imporá outros rumos daqueles, como aponta Ferreira, homogeneizantes, característicos de cultos que buscam se manter apartados desta concorrencialidade, como os protestantes históricos, por exemplo. Para se manter, concorrencialmente neste mercado é preciso oferecer coisas novas, mas que conduzam aos objetivos tradicionais de uma fé pentecostal. Os imbróglis colocados pela sua veia conservadora e resistentes a demandas sociais liberais se mantêm, mas não se apresentam como negação da desordem e sim como manutenção da ordem. Há uma inversão do discurso de negação do que se propõe enquanto igreja. Correndo o risco de ser enfadonho, é como se ao invés de dizerem: “não faça”, eles transmitissem a mensagem do “faça”. Assim, a imagem do fiel como praticante de esportes radicais é o grande mote da Bola de Neve Church.

O mesmo, parece, é buscado pela Hillsong via a figura do consumidor de entretenimento, concentrado principalmente na música. Ambas igrejas ao centrarem seu público em jovens de diversas classes, sobretudo os da classe média, sabem que eles têm um imaginário, devido ao contato social e a forma como são atingidos pela indústria cultural, que passa por expressões emocionais como shows, raves, exploração turística da natureza etc. Na apresentação didática de Jair Ferreira dos Santos sobre o que é pós-moderno, em livro homônimo, o autor apresenta duas possibilidades de ser neste momento social: a criança radiante, “o indivíduo desenvolvido, sedutor, hedonista integrado à tecnologia, narcisista



com identidade móvel, flutuante, liberado sexualmente” e o androide melancólico “consumidor programado e sem história, indiferente, átomo estatístico na massa, boneco da tecnociência” (SANTOS, 1986, p. 11). Feita esta profissão de fé pós-moderna, cumpre refletirmos em que situação se encaixariam os adeptos desta forma de culto a que nos dedicamos neste trabalho e quais consequências sociais podemos tirar disto. Seriam eles príncipes e princesas radiantemente hedonistas se constituindo em oposição aos cinzentos e apagados históricos filiados no protestantismo de missão que agora ocupam uma parte pequena quando comparados às diversas denominações pentecostais e que apostam no rigor e na rigidez para obter os objetivos da religião?

Num mundo marcado pelo empreendedorismo individual pode ser que um discurso de cunho negativista não tivesse o mesmo eco simbólico com as outras práticas proativas que esta teologia pentecostal coloca como alvo. Assim, pode-se resumir as táticas de tais igrejas, como a Hillsong e Bola de Neve Church, neste escopo da discussão, como mantendo

[...] vestígios pentecostais, que se baseiam em segmentos protestantes e evangélicos e principalmente características da nova ordem neopentecostal. Porém, se diferencia de qualquer outra igreja do ramo por apresentar uma proposta inovadora e não convencional, inaugurando no mercado da fé, serviços e bens de salvação direcionados para a geração dos esportes radicais e voltados principalmente para a nova geração. A linguagem usada nos cultos da igreja Bola de Neve foi reformulada para estabelecer uma comunicação adequada ao perfil dos fiéis e aproximá-los a igreja, com o objetivo também de manter uma descontração na relação entre Pastor, pregador da palavra e ouvinte, propondo uma suposta ideia de liberdade. A imagem de uma igreja neopentecostal moderna e flexível em relação a seus valores atrai um público jovem, porém, não se desvincula de ideias tradicionais e ligadas ainda ao pentecostalismo clássico. Os discursos com linguagem informal ocultam posicionamentos tradicionais, como a valorização da estrutura familiar patriarcal, repressão sexual, discursos contra o divórcio, a homossexualidade, o aborto, o uso de bebidas, drogas e encontros em lugares ditos “profanos” (Ferreira, 2016, p. 61, grifo nosso).

4. A igreja Hillsong e sua estratégia proselitista

4.1. História e estrutura

Em fevereiro de 1978, o casal de pastores Brian e Bobbie Houston se mudam para Austrália como recém-casados vindos da Nova Zelândia, juntando-se à equipe ministerial do *Sydney Christian Life Center*, fundado em 1977. No início dos anos 80, após fundarem com sucesso outras duas igrejas na região de Sydney, veem a necessidade de trazer à comunidade da parte norte de Sydney uma igreja nova e contemporânea. Assim começa a história da Igreja Hillsong. Cinco anos depois, em 1983, era fundada com cerca 45 membros, uma igreja que, hoje, alcança com seus ministérios inúmeros países do mundo⁸. Fruto do pentecostalismo das Assembleias de Deus da Austrália, sua estratégia inicial baseara-se, assim como muitas igrejas, nos pequenos grupos, usando termos como “grupos de conexão” ou, numa terminologia mais comum, “células”.

Após anos de crescimento, e com uma frequência de mais de 35 mil pessoas nos cultos de finais de semana, a igreja continua se expandindo, tendo uma influência e um

⁸ Países com atuação da igreja Hillsong: Austrália, Reino Unido, França, Ucrânia, Rússia, Estados Unidos, Suécia, África do Sul, Espanha, Holanda, Brasil, Argentina e México.



impacto dinâmico não só na Austrália, mas em várias outras nações. Atualmente, a igreja Hillsong opera de um terreno de 21 hectares em um centro comercial moderno no distrito de Hills, e também de um estabelecimento próximo ao coração do centro comercial de Sydney, tendo como ministério mais conhecido, objeto que recebe enfoque neste texto, o Hillsong Music Australia, que produz os CD's e DVD's de músicas conhecidas em grande parte do planeta e regravadas, inclusive, por ministérios e artistas brasileiros.

4.2. O uso do entretenimento e a implementação no Brasil

O forte apelo musical dos cultos e a estrutura que promove bandas gospel de todo o mundo têm chamado a atenção para a Hillsong, principalmente de jovens. No mercado gospel, o selo Hillsong é muito renomado. As canções gravadas por suas quatro bandas (*Hillsong Worship*, *Hillsong United*, *Young & Free* e *Hillsong Kids*) já ultrapassaram a marca de 16 milhões de álbuns vendidos. Atualmente, a igreja ganhou visibilidade na mídia secular após a conversão do cantor americano Justin Bieber. Em sua forma de atingir os fiéis, pregação e louvor estão ligados de maneira íntima.

Há duas grandes vertentes musicais dentro da Hillsong Church. Uma delas, a principal, é a *United*, que congrega pastores-músicos da Inglaterra, Nova Zelândia e Austrália, além de convidados. Segundo o portal UOL Música (uolmusica.uol.com.br), as principais canções dessa vertente são quase sempre marchas-baladas, com grande vocalização, e há muita modulação entre tons menores e maiores. Outra vertente da igreja famosa é a *Hillsong London*, cuja motivação é pop. Com exceção de iluminação, de alguns cenários e eventualmente grupos de dança sobre o palco, não há muita produção no "show-louvor" da Hillsong.

A Hillsong Church é um fenômeno de vendas de CDs e DVDs. Calcula-se que já vendeu mais de 100 milhões de unidades no mundo. Algumas canções se tornaram clássicos e acabaram ganhando reinterpretações e traduções em vários países pelos mais diferentes artistas e bandas. Neste ano, o ministério anunciou o lançamento de um filme contando toda sua história, *Let Hope Rise*. Chama à atenção, ao mesmo tempo, seu caráter transnacional: um dos grandes entusiastas e divulgadores das músicas da igreja é o norte-americano Michael W. Smith, e no Brasil, a artista Aline Barros também já cantou versões produzidas pelas gravadoras da Hillsong, um selo musical altamente lucrativo e de alcance mundial.

Diante deste panorama sobre a igreja que atrai milhares de fiéis por todo o mundo entendemos que a instituição religiosa adotou o entretenimento, na sua manifestação musical, como chave do sucesso. A combinação de superproduções musicais, letras religiosas intimistas e a energia de clube noturno atinge em cheio os mais jovens⁹. As produções dos shows são feitas para envolver o público e levá-lo a um clima de contemplação e êxtase, encontrando terreno fértil na manifestação religiosa pentecostal, como anteriormente discutido.

Entre os objetivos desta igreja, segundo seu portal oficial (hillsong.com), estão discursos de empoderamento, valorização da formação de líderes e criação de uma rede de cooperação internacional:

⁹ Segundo relatório divulgado pela própria *Hillsong Church*, a partir de pesquisa entre os membros, as faixas etárias de 5 a 20 anos e de 20 a 35 anos correspondem a 70% do público que frequenta a igreja.



Uma grande igreja, centrada em Cristo, fundamentada na Bíblia, que alcança e influencia o mundo, mudando formas de pensar e empoderando pessoas para que liderem e impactem em todas as áreas da vida.

(...) uma igreja com um Centro de Formação de Líderes de padrão internacional, que levanta, equipa e empodera gerações de líderes jovens e ungidos de todo o mundo.

(...) uma igreja agraciada com camadas de líderes “únicos em sua geração”, que são naturalmente talentosos, espiritualmente potentes e genuinamente humildes. Líderes que estão dispostos a pagar o preço para impactar cidades e nações com igrejas relevantes que glorificam a Deus.

(...) uma igreja comprometida com uma rede inovadora que conecta centenas de milhares de pastores e líderes, e os equipa para florescerem (Disponível em: hillsong.com, acesso em 04/10/2016)

No Brasil, a unidade da Hillsong promove encontros desde 31 de maio de 2016, em São Paulo, com a realização da primeira reunião enquanto instituição religiosa, pois em outras ocasiões os ministérios estiveram no Brasil para apresentações¹⁰. Nesta oportunidade os pregadores foram Chris e Lucy Mendez e o pastor sênior Brian Houston. Este processo é marcado como um segundo investimento na América do Sul, pois em Buenos Aires, na Argentina, a denominação já está presente desde 2015. Desde então, grandes espetáculos estão atraindo brasileiros aos cultos que são realizados em casas de shows paulistas, e um, em 30 outubro de 2016, marcará a abertura oficial da igreja no país¹¹, estabelecida com trabalhos iniciais dominicais numa conhecida casa de entretenimento de São Paulo, a Audio Club¹².

Embora nova presencialmente, suas músicas não são novidade no cenário evangélico brasileiro há muitos anos e as versões nacionais se fazem presentes em álbuns de bandas como o Diante do Trono, da Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte. Em 2012, o grupo mineiro fez parte do Hillsong Global Project, que, numa estratégia para popularizar ainda mais as músicas — e a marca — da igreja australiana, criou versões em nove idiomas (português, coreano, mandarim, espanhol, indonésio, alemão, francês, sueco e russo).

Apesar da postura progressista de seus cultos e abordagem jovem, questões de moral sexual também são enfrentadas de maneira tradicional na Hillsong, como alertou Ricardo Mariano (2016) em entrevista ao portal da BBC Brasil (bbc.com/portuguese): “Apesar da atitude ousada no plano estético, a Hillsong mantém o mesmo discurso conservador de todas as outras”. Por exemplo, a postura do pastor fundador, Brian Houston, de afastar

¹⁰ A primeira vez em que o Ministério *Hillsong Music Australia* esteve no Brasil, foi em 2003 no mês de dezembro, no congresso de Louvor e Adoração “Rio de Adoração a Deus”, no Rio de Janeiro. Em 2006, o Hillsong United esteve no Brasil e fez duas apresentações: uma em Brasília e outra em São Paulo. Em 2008, o ministério esteve no Brasil em uma turnê que abrangeu os estados de Santa Catarina, Distrito Federal e Rio de Janeiro. A banda retornou ao Brasil em novembro de 2009 com mais duas apresentações, uma em Porto Alegre e outra em São Paulo, e em outubro de 2013, num show de uma nova turnê mais uma vez em São Paulo.

¹¹ As tratativas para a abertura da Hillsong no Brasil começaram em 2014. A previsão inicial era de que o templo fosse inaugurado ainda em 2015, o que não ocorreu. Na capital paulista, a igreja será liderada pelo pastor Chris Mendez e por sua esposa Lucy, que também são responsáveis pela filial em Buenos Aires, na Argentina.

¹² Numa espécie de arrendamento, a Audio Club cederá espaço à Hillsong Brasil todos os domingos para realização de seus cultos. Com capacidade para cerca de 3.000 pessoas, a casa continuará com os demais eventos “profanos” nos outros dias da semana. A relação estabelecida entre o entretenimento e a implementação de igrejas da Hillsong parece seguir uma lógica mundial. Em Nova Iorque, por exemplo, duas de suas três filiais também funcionam em casas de espetáculo, uma no *The Wellmont Theatre* e, outra, no *Playstation Theater*.



pregadores gays da condução dos cultos e divulgar uma nota esclarecendo que fiéis LGBT's **são bem-vindos na igreja, mas não poderão ocupar cargos de liderança.**

Segundo Mariano, nesta mesma entrevista, a Hillsong no Brasil buscará espaço entre as igrejas os jovens de classe média, concorrendo com igrejas como Renascer em Cristo, Bola de Neve Church e Sara Nossa Terra. As semelhanças com as igrejas pentecostais brasileiras passam também pela defesa da castidade até o casamento e pela teologia da prosperidade, com direito ao livro *You Need More Money*, escrito pelo pastor Brian Houston.

Considerações Finais

De maneira geral, a igreja australiana se destaca pela união com o entretenimento, principalmente por meio da música, que desperta curiosidade e interesse de um público essencialmente jovem e de classe média. Apesar da direção da igreja negar, fica explícito um plano de expansão de unidades pelo mundo, se assemelhando a uma dinâmica comercial de organização, com investimentos em marketing, interação digital e grandes estruturas, dignas de concertos internacionais.

Historicamente marcado por experiências emocionalistas e de êxtase, o pentecostalismo parece ter encontrado uma ferramenta poderosa no atrair de novos fiéis por essas balizas. Não é à toa que o título deste texto faz um paralelo de paráfrase com aquele que antes se alicerçava como principal cerne da pregação pentecostal. Se antes o chamado era ao arrependimento, definidor da ascese protestante, experiências de igrejas como a Hillsong evidenciam que, cada vez mais, chamar ao entretenimento parece ser mais efetivo quando o objeto final que é alcançar maior espaço no e por mercado religioso.

Referências Bibliográficas

ALENCAR, Gedeon Freire. Pentecostalismo clássico: Congregação Cristã do Brasil e Assembleias de Deus—construção e identidade. *Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas*. Zwinglio Mota Dias, Rodrigo Portella e Elisa Rodrigues (Org.). São Paulo: Fonte Editorial, p. 167-185, 2013.

BASTIAN, Jean Pierre. *Breve historia del protestantismo en América Latina*. Casa Unida de Publicaciones, 1986.

BERGER, P. L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo (SP): Paulus, 1985.

BOBINEAU, Olivier; TANK-STORPER, Sébastien. *Sociologia das Religiões*. Edições Loyola, 2011.

DE CAMARGO, Candido Procopio Ferreira; DE SOUZA, Beatriz Muniz. *Católicos, protestantes, espíritas*. Editora Vozes, 1973.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*, n. 67, p. 100-115, 2005.

_____. A identidade protestante tradicional: desafios da secularização e do crescimento do pentecostalismo brasileiro. *Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas*. Zwinglio Mota Dias, Rodrigo Portella e Elisa Rodrigues (Org.). São Paulo: Fonte Editorial, p. 215-234, 2013.

CUNHA, Magali do Nascimento. "VINHO NOVO EM ODRÉS VELHOS". *Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil*. Tese (doutorado). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2004.

DE MATOS, Alderi Souza. O MOVIMENTO PENTECOSTAL: REFLEXÕES A PROPÓSITO DO SEU PRIMEIRO CENTENÁRIO—PARTE 1. *Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA*, v. 3, n. 1,



2011.

DE SOUZA, André Ricardo. O pluralismo cristão brasileiro. *Caminhos*, v. 10, n. 1, p. 129-141, 2012.

FELTRIN, Ricardo. *Entenda o Hillsong, um dos maiores fenômenos do gospel mundial*. 2015. Disponível em: <uolmusica.blogosfera.uol.com.br/>. Acesso em: 11 out. 2016.

FERNANDES, Rubem César. *Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Mauad Editora Ltda, 1998.

FERREIRA, Manuela Lowenthal. Mercado e discurso na igreja neopentecostal Bola de Neve. *Revista ESCRITAS*, Vol. 8 n. 1 (2016) p. 55-69.

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. Campinas, Tese de doutorado em sociologia, IFCH-Unicamp.

_____. "Neo-Pentecostalism" in Brazil: Problems of Definition and the Struggle for Hegemony. *Archives de sciences sociales des religions*, p. 145-162, 1999.

HOLLENWEGER, Walter J. *El pentecostalismo: historia y doctrinas*. Ed. La Aurora, 1976.

_____. *Pentecostalism: Origins and developments worldwide*. Hendrickson publishers, 1997.

HOUSTON, Brian. *A Igreja Que Agora Vejo*. 2014. Disponível em: <http://hillsong.com/vision>. Acesso em: 14 out. 2016.

JÚNIOR, Paulo Gracino. "A demanda por deuses": globalização, fluxos religiosos e culturas locais nos dois lados do Atlântico. Rio de Janeiro (RJ): EdUERJ, 2016.

MARTIN, David; BERGER, Peter; BERGER, Peter L. *Tongues of fire: The explosion of Protestantism in Latin America*. Oxford: Blackwell, 1993.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos avançados*, v. 18, n. 52, p. 121-138, 2004.

_____. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. *Debates do NER*, v. 2, n. 24, p. 119-137, 2013.

_____. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo (SP): Edições Loyola, 1999.

MCLOUGHLIN, William G. *Revivals, awakenings, and reform*. University of Chicago Press, 2013.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. Edições Loyola, 1990.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; CAMPOS, Leonildo Silveira. *Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. São Bernardo do Campo (SP): Universidade Metodista de São Paulo, 1997.

ORO, Ari Pedro. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1996.

PIERUCCI, Flávio. "Bye bye, Brasil": O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados (USP)*, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.

_____. Religião como solvente: uma aula. *Novos Estudos-CEBRAP*, n. 75, p. 111-127, 2006.

SANTOS, Douglas Alessandro Souza; SILVA, José Lucas da Silva. Religião em declínio no Brasil? Um balanço socioantropológico sobre a mobilidade religiosa brasileira no início do século XXI como contraponto ao paradigma clássico da secularização. *Revista Escritas*, Vol. 8 n. 1 (2016) p. 5-22.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é Pós-Moderno*. Coleção Primeiros Passos 165. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

ROEDER, Mark A.; WALLIS, Jim. *The Great Awakening: Reviving Faith & Politics in a Post-Religious Right America*. Harper Collins, 2008.

TAMAMOTO, Vinicius. *Hillsong, a igreja 'hipster' que atraiu Justin Bieber e busca sede em São Paulo*. 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias>. Acesso em: 13 out. 2016.

TRACY, Joseph. *The Great Awakening: A History of the Revival of Religion in the time of Edwards and Whitefield*. Charles Tappan, 1845.

Recebido em: 20/10/2016

Aprovado em: 11/01/2017